

Oferta

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

R. 64

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 18.)

CAPITULO IV.

Agricultura nomada, pousios, afolhamentos.

528.º A historia da agricultura tem sempre acompanhado — mais ou menos — a historia da civilisação dos povos. Fôra mister para poder apreciar toda a exactidão desta verdade desenrolar simultaneamente os fios destas duas historias, e confrontal-as nas suas phases mais salientes. Esta confrontação porém é-nos vedada, porque nos faria ultrapassar os limites, em que queremos circunscrever este nosso trabalho.

529.º Tres são as principaes epochas da historia da agricultura: a primeira é a da *agricultura nomada ou pastoril* — a segunda a da *agricultura do pasto e labor* ou a dos *pousios* — a terceira a da *rotação das culturas* ou a dos *afolhamentos*.

530.º Na *primeira epocha* ou no *systema pastoril* quasi toda a subsistencia e fortuna do agricultor derivava dos seus rebanhos, servindo-lhe a terra quasi unicamente de os apascentar. Esta epocha abrange evidentemente dois periodos, o do *systema puramente pastoril*, que excluía toda a casta de cultura, e o do *systema pastoril mixto*, que admittia e intercallava, mas sem regra nem tempo fixo, algumas culturas de cereaes.

531.º Esta primeira epocha corresponde evidentemente ou ao estado anterior, ou ao primitivo das sociedades, em que o *dominio* era apenas conhecido. Era a agricultura dos *povos pastores*, que sem patria nem nacionalidade vivião como os *povos caçadores*, seus contemporaneos, vida errante e vagabunda — era a dessas tribus patriarchaes da Asia, que não tinham domicilio permanente, mas erguião as suas tendas nos campos mais proprios para a sustentação dos seus rebanhos, que erão por esses tempos a unica propriedade respeitada e reconhecida entre os homens. As cul-

turas erão então raras e accidentaes: apenas se aproveitavão alguns fructos silvestres, e algumas raizes ou grãos espontaneos da terra. As carnes e os lacticinios erão o principal alimento destes povos; a lã e as pelles o seu unico vestido.

532.º Este *systema primitivo* de agricultura, o mais simples, o mais natural, e o mais facil de todos, compadece-se tanto com a indolencia contemplativa do homem, que ainda subsiste em alguns logares remotos ou pouco accessiveis, onde a escassez da população, a falta de communicações, o abandono, a vastidão, e a pobreza dos terrenos tornão as culturas ou quasi desnecessarias, ou pouco lucrativas.

533.º A influencia deste *systema* foi tão grande, que inda hoje em nações muito civilisadas se encontram os seus tristes vestigios; e na verdade o *direito consuetudinario do compascuo, os baldios, a mexta e certas servidões* são restos deploraveis daquellas epochas de barbaridade — e instituições, que revellão essa especie de *communismo* dos primeiros tempos, que foi e será sempre o maior inimigo da civilisação, e da riqueza territorial.

534.º A *segunda epocha* é a do *systema dos pousios*, ou do *descanço das terras*. Aqui inda apparece o *systema pastoril*, mas notavelmente aperfeçoado. Os terrenos na *agricultura de pasto e labor* são divididos em folhas, alternada e successivamente consagradas ou á pastagem dos gados, ou á cultura dos cereaes — raras vezes a outras culturas.

535.º Esta epocha agricola coincide com outra epocha social muito mais aperfeçoada. A *agricultura nomada* não podia deixar de ser abandonada apenas os povos se associassem em individualidades nacionaes, apenas tivesse logar a partilha ou a divisão das terras, e apenas o direito de propriedade servisse de fundamento ás novas associações. Esta grande transformação social devia impreterivelmente acompanhar-se da correspondente transformação agricola. Os povos pastores tornados por fim agricultores fixaram o seu domicilio, abandonaram a vida errante, e assentaram as novas instituições sociaes nas largas bases da *propriedade, da familia e do trabalho*. O solo começou a ser então cultivado, mas cultivado intercalar e periodicamente. As culturas alternavão com o repouso das terras, que se julgava necessario para entreter a sua acção pro-



ductiva. As folhas que ficavam de pousio servião de pasto aos gados, um ou mais annos, segundo a cultura era biennial, triennial, &c.

536.º Descobre-se á primeira vista que este systema é menos imperfeito que o antecedente; mas em these não podemos deixar de o considerar bastante vicioso, posto que em hypothese o não seja em certos casos. E effectivamente um systema em que a terra fica inculta e quasi desaproveitada a maior parte do tempo, em que se enche de urzes, cardos, escalracho e outras hervas ruins, que são o flagello do agricultor, não pôde deixar de se considerar vicioso. Mas se a população for escassa em relação ás terras araveis, se os meios de transporte forem custosos e difficéis, se os mercados forem distantes, e os productos excederem as necessidades do consummo; se os estrumes escassearem, e o trabalho for nimiamente custoso, então o systema com as correções ultimamente aconselhadas por *Schuerz* pôde tornar-se em vez de absurdo mais ou menos racional.

537.º Tudo o que dura longo tempo tem em si algum principio vigoroso de vida ou alguma razão sufficiente e poderosa da sua tenaz existencia. O systema dos pousios está pois neste caso — existe ha mais de vinte seculos, porque harmonisava com as condições sociaes da maior parte dos povos. E na verdade lá onde as terras estavão pela maior parte nas mãos esterilisoras do castellão, e do donatorio, onde a população era pouca e pobre, e as suas necessidades mui circumscripitas, onde o commercio interior era quasi nullo e os tributos pezadissimos, este systema não podia deixar de vigorar.

538.º Pelo contrario nas proximidades das grandes cidades, nas beiras dos rios, nas varzeas pingues e fecundas, nos pontos onde a população estivesse aglomerada, e onde os estrumes superabundassem, o systema dos pousios seria um verdadeiro contrasenso.

539.º Eis aqui porque na provincia do Minho, e em muitos pontos da Beira e da Estremadura não é geralmente admittido ha muito tempo este systema; e porque prevalece ainda em muitos pontos nas nossas provincias do sul, e principalmente no Alemtejo. Na provincia do Minho, com raras excepções, e nas pingues bacias da Beira, e da Estremadura é felizmente impossivel este systema pela grande divisão da propriedade, pelo acrescimo da população, e pela fecundidade do terreno; ao passo que no Alemtejo a grande extensão das propriedades, a escassez da povoação, e a geral superabundancia e aridez dos terrenos, o tem tornado commum. Mas nesta mesma provincia ha bastantes concelhos donde ha muito devera ter sido destruido o systema dos pousios, por isso que as terras araveis já não podem satisfazer as exigencias da povoação.

540.º Fôra portanto um desacordo aconsellar geralmente os nossos agricultores a que abandonassem por

toda a parte e repentinamente este systema, posto que em geral elle seja vicioso. Em economia rural as mudanças subitas tem grandes inconvenientes. Os progressos na agricultura precisam ser lentamente preparados. O que se pode e deve insinuar aos nossos lavradores é que vão pouco a pouco afolhando alguns dos seus melhores terrenos na proporção dos estrumes que poderem obter, dos gados que poderem reduzir á estabulação, e dos prados artificiaes que poderem instituir, porque sem estrumes, sem gados e sem prados não ha nem pode haver bons afolhamentos — que considerem os pousios como um mal, posto que em alguns casos necessario — e que em quanto este systema fôr por elles adoptado procurem ao menos destrui-lhe as suas principaes imperfeições, o que se consegue dando no anno do pousio frequentes lavras (quatro a cinco, recommenda *Schuerz* no seu Manual do agricultor) para matar as hervas ruins, para as enterrar como adubos verdes, e para enriquecer e adubar a terra tornando-a accessivel á acção fertilisante dos meteoros atmosphericos.

541.º A *terceira epoca*, ou a dos afolhamentos apresenta-nos um systema de economia rural, que deve considerar-se como o mais racional e agronomico de todos, como aquelle que mais se compadece com as leis da producção, e com as necessidades actuaes da civilisação — que mais dá e promette á sociedade, quer na massa, quer na variedade dos productos — que mais eleva e suavisa a condição e a sorte do agricultor.

542.º O *systema dos afolhamentos* encerra em si grandes melhoramentos agricolas e sociaes, e liga-se com o esperançoso porvir das sociedades modernas. Por este systema é a terra — este grande e indestruivel instrumento de producção — sollicitada a produzir talvez o dobro do que produzia no systema dos pousios. Nestas palavras está traçado todo o seu elogio. — Uma muito maior massa e variedade de subsistencias é o dom precioso que este systema de cultura trouxe ás nações que o tem adoptado. — Variando annualmente as culturas, elle veio além disto resgatar os povos dessas fomes periodicas que os dizimavam, e que eram uma terrivel consequencia do systema dos pousios.

543.º Fácil é de vêr que esta grande transformação agricola corresponde a uma profunda transformação social. Depois que o homem e a terra se tornaram livres, depois que a industria e o trabalho se emanciparam — depois que a população se aglomerara em torno das instituições liberaes; e que a propriedade rural se emancipara escapando ao dominio esterilizador da corôa, do castello e do mosteiro — depois que recrescera espantosamente o numero das necessidades sociaes, e que as artes pediram ao agricultor uma maior copia de materias primas — foi então, foi depois de tantas e tão variadas transformações sociaes, que a agricultura, a mãe do genero humano, e a com-



panheira inseparavel das sociedades, experimentou esta notavel transformação.

544.º Vejamos porém em que consiste o systema dos afolhamentos.

545.º Afolhar um terreno é submettel-o sem interrupção a uma serie ou rotação de culturas diversas.

546.º Quando uma herdade, uma granja, ou um campo qualquer se divide em *folhas* nas quaes se estabelece uma certa rotação ou giro de culturas, esse campo diz-se *afolhado*. Pode, por exemplo, dividir-se em duas, tres ou mais folhas, e estas divisões serem todos os annos submettidas á cultura de plantas diversas, que se vão substituindo e succedendo umas ás outras de dois em dois annos se o afolhamento é biennial, de tres em tres se é triennial, &c.

547.º Este systema dos afolhamentos tem por fim tirar constantemente de um terreno o maximo proveito com a menor despeza possivel. A terra é por sua intervenção mantida n'um trabalho permanente de producção, sem que se esgotem nem depauperem sensivelmente as suas forças productivas.

548.º Os antigos tiveram uma escassa luz deste systema, e nunca chegaram a pratical-o de uma maneira regular. Foi só no meado do seculo passado que se começou a introduzir na economia rural de algumas nações este excellente methodo agronomico.

549.º O erro geralmente adoptado de que a terra precisava de repouso periodico para recuperar as forças perdidas na vegetação, foi quem se oppoz por muito tempo, e quem ainda hoje se oppõe, á geral admissão dos afolhamentos.

550.º Mas se a terra se cobre durante o pouso de uma vegetação espontanea e inutil, porque não a obrigaremos a produzir, em vez destas plantas outras, que nos sejam proveitosas! Se os terrenos deixados em descanço nem por isso ficam ociosos, melhor fóra então converter a sua incessante actividade em proveito nosso. E' verdade que o solo se esgota quando lhe pedimos os mesmos productos em annos consecutivos; e que não podemos com vantagem repetir successivamente as mesmas culturas no mesmo solo, mas podemos e devemos variar-as por meio dos afolhamentos; porque a variedade dos productos é quasi sempre para a terra uma especie de descanço, assim como a variedade do trabalho phisico ou intellectual raras vezes deixa de ser uma especie de repouso para o corpo e para o espirito do homem.

551.º O que póde a arte dos afolhamentos com respeito ao augmento dos productos agricolas ha-de vêr-se na Inglaterra, na Flandres, e na Belgica. A actividade productiva do solo não tem nestes paizes a menor intermitencia ou descanço; e umas culturas seguem-se logo outras; e nem por isso as colheitas se enfraquecem, ou a terra se cança; e isto porque as suas forças são habilmente economisadas, e as suas perdas promptamente reparadas quer pela diversa na-

tureza das plantas cultivadas, quer pelos adubos ou pelos amanhos sulministrados ao solo.

552.º A theoria physiologica dos afolhamentos funda-se nos seguintes principios. 1.º Nem todas as plantas absorvem da terra as mesmas bazes salinas. 2.º Nem todas profundam similhantemente no solo. 3.º Nem todas o esgotam egualmente, antes ha algumas que o melhoram. 4.º As excreções de certas plantas podem servir de alimento a outras. 5.º Os principios que algumas aspiram no ar pelos seus tecidos verdes são depositos no solo por intervenção das raizes. 6.º Os amanhos ministrados á terra na cultura de certas plantas podem comunicar-lhe uma grande fertilidade. 7.º Nem todas as culturas deixam crescer egualmente as más hervas; antes ha algumas que as des-terram quasi inteiramente do solo.

553.º O desenvolvimento de cada um destes principios levar-nos-hia muito longe, mas se os agricultores meditarem um pouco sobre elles facilmente atinarão com as razões, porque a rotação das culturas, quando judiciosamente calculada, deve poupar dirigir reparar as forças productivas do solo.

554.º E na verdade se por exemplo fizermos succeder ás favas as baterrabas, e a estas o trigo, teremos que as excreções das plantas da primeira cultura são um excellente adubo para as da 2.ª e 3.ª — que os saes que umas absorvem da terra sendo diversos dos que absorvem as outras, a vegetação das antecedentes não póde prejudicar neste ponto a das consequentes — que os gases que as primeiras e segundas aspiram no ar são em parte lançados no solo com vantagem das terceiras — que os amanhos reclamados pelas favas e beterrabas redundam em proveito do trigo em quanto mobilisam a terra, e a enriquecem com os gases atmosfericos que a penetram — e finalmente que as camadas mais fundas do solo ficando intactas na cultura do trigo e das favas devem subministrar ás beterrabas abundancia de principios alimentares. Estas reflexões posto que succintas bastarão a provar que podemos fazer succeder umas colheitas a outras com vantagem da producção e sem empobrecimento da terra; uma vez que a adubemos com alguns estrumes, e lhe restituamos por meio de umas culturas o que outras lhe haviam subtrahido.

555.º A pratica dos afolhamentos deve fundar-se nos seguintes preceitos perfectamente desenvolvidos por Mr. *Hamilton Couper*.

556.º *Primeiro preceito*. E' necessario na escolha das culturas consultar o clima, o solo, a situação, a procurada dos productos, e outras circunstancias dependentes da localidade.

557.º *Segundo*. As plantas de folhas largas devem alternar com as de folhas estreitas.

558.º *Terceiro*. As plantas de raizes fibrosas devem alternar com aquellas que tiverem as raizes alongadas e bolhosas.

559.º *Quarto*. Convem affastar quanto fór possi-

vel a volta da cultura no mesmo campo, da mesma planta, ou de plantas da mesma natureza. E esta volta deve afastar-se tanto mais quanto maior tiver sido o espaço de tempo que a planta tiver permanecido na terra.

560.º *Quinto.* As plantas, que durante o seu crescimento exigirem sachas e grandes amanhos devem alternar com aquellas que os não demandarem.

561.º *Sexto.* Os estrumes devem ser applicados ás culturas mais lucrativas e esgotantes, sempre que isto se poder combinar com o preceito antecedente.

562. *Setimo.* A successão das culturas deve ser calculada de maneira que todos os trabalhos se sigam com facilidade, regularidade, e economia.

563. *Oitavo.* A terra deve ficar vazia o menos tempo que fôr possível: ella deve ser occupada por plantas que tenham valor em si mesmas, ou que contribuam a augmentar o valor das que devem succeder-lhes.

564. As plantas mais geralmente usadas podem dividir-se com relação á cultura successiva em tres grandes divisões. A primeira contem as plantas *oleaginosas* como a *colsa*, a *nabiça*, a *rutabaga* ou *couve-nabo*, e o *linho*; e as plantas da familia das *solaneas* como as *bataias*, o *tabaco*. A segunda abraça as *gramineas* como o *trigo*, o *centeio*, a *cevada*, a *aveia*, o *joio*, o *maiz*. A terceira contem as *leguminosas* como *favas*, *ervilhas*, *feijões*, *ervilhaca*, *lentilhas*, *trevo*, *sanfeno*, *luzerna*. As plantas destas divisões podem geralmente succeder-se umas ás outras se circumstancias particulares ás localidades não contraindicarem esta successão.

565. A applicação dos principios que temos mencionado é submettida a tantas considerações especiaes filhas da natureza do solo, do clima, do consummo local, e da maior ou menor escacez de braços, de estrumes, e de capitaes, que fôra impossivel estabelecer n'um livro a marcha que cada agricultor deve seguir, e a natureza dos afohlamentos que tem a adoptar. E' no seu bom juizo e nas praticas do paiz que elle deve estudar o que mais lhe ha-de convir. Mas antes de estabelecer qualquer afohlamento deve ponderar pausadamente se o seu solo é acomodado á vegetação das plantas que devem constituil-o; se o clima lhe consentirá fazer todos os amanhos, as sementeiras, e as colheitas em tempo opportuno; e se terá á sua disposição os braços, os capitaes, e os estrumes, que são requeridos por tão variadas culturas. — E na verdade quantos cultivadores se tem arruinado por andarem de leve em tão ponderoso assumpto! — E sobre tudo por transplantarem sem reflexão, os afohlamentos proprios dos paizes frios para os paizes quentes, os das terra fortes para as terras fracas; não metendo em linha de conta, nem a carestia do trabalho, nem a natureza dos consummos, nem a escacez dos meios e forças proprias!

José Maria Grande.

Em consequencia de ter sahido com alguns erros se torna a publicar o seguinte artigo:

AS OBRAS DO MONDEGO.

Temos um solo abençoado, que nos parece ainda ser pouco conhecido, e que não sabemos aproveitar. — Se alguma vez fôr devidamente explorado, apreciaremos então a abundancia, com que a providencia nos dotou, e o motivo porque outros nos invejam a terra, que ella nos concedeu tão benefica e liberal.

O nosso paiz, que hoje sustenta tres milhões e meio de habitantes, pôde ainda crescer muito em população, e em riqueza, se as suas proporções forem estudadas. — Estabelecido um systema seguro, para levar a effeito todas as nossas vias de comunicação, vê-se-ha nessa occasião os recursos, que possuímos, e os mananciaes de immensa prosperidade, que elles encerram.

Temos provincias povoadas menos de meio, outras quasi despovoadas, e vemos terrenos fertillissimos, campinas extensas, valles amenos, montes de um torção creado para as mais variadas producções, e tudo inculdo, em muitas partes mesmo apresentando-se o paiz como deserto, sem vestigios do homem saber d'elle.

Nas planicies do Alemtejo que extensão de terras não temos despovoadas, e incultas? Quando acabamos de descer a serra do Caldeirão, que planicie immensa e fecunda não achamos; — que terras da melhor producção; — e quantas se não vêem em toda a corrente da ribeira de Odemira perdidas, accusando a ingratição do homem, que não as aproveita? — Em todos os pontos daquella provincia dilatada, — o Algarve quasi povoado só no littoral, e uma grande parte da Extremadura: em todas estas e em alguma outra provincia se podiam estabelecer colonias, que augmentassem a população, e a riqueza do reino. Evitavamos com isso a vergonha porque passamos da emigração de tantos compatriotas nossos, que se vêem obrigados a sair todos os annos da bella provincia do Minho, aonde encontramos o argumento maior, para comprovar a doutrina, que acabamos de expender.

Por este meio, — com vias de comunicação bem construidas e conservadas, — com os disvellos de um governo, que promovesse, por tantos meios ao seu alcance, o aperfeiçoamento dos nossos methodos de agricultura, — ensinando os productos, que nos convinha mais cultivar; — nós podiamos apresentar muitos em todos os mercados, competindo com os dos outros paizes, porque nos vemos favorecidos pela vantagem do nosso solo.

Mais desenvolvimento podia ter este objecto, se não fôra outro o nosso proposito no artigo, que estamos escrevendo, ao qual por isso voltaremos em outra oc-

casião. — Se nos magôo estarmos vendo o que perdemos pelo abandono de tantos terrenos despovoados, e sem cultura, muito mais deploramos, que se estejam perdendo outros aproveitados já de muitos seculos, que pela abundancia de seus productos, — pela facilidade da sua cultura, — pela dilatada amenidade da sua superficie haviam sempre atrahido, e augmentado uma população, que se reputava prospera em outros tempos.

Estamos fallando do campo de Coimbra, que as margens do Mondego fertilisavam antigamente, e que na grande distancia de sete legoas, depois que passa pela frente daquella cidade, apresenta a superficie mais agradável e amena, cortada por essas margens tantas vezes contempladas dos poetas pela sua graça e pelos seus encantos. Esse campo, que fazia a riqueza e as esperanças de uma população grande, laboriosa, e activa, acha-se hoje reduzido a muitos areacs; e o rio que o fertilisava em outro tempo, está sendo actualmente o instrumento da sua destruição, e fazendo de anno para anno a pobreza e a desgraça daquella população, antes feliz, contente, e laboriosa com a ambição de se engrandecer.

Não pertendemos entrar no exame das obras do encanamento do Mondego; mas observamos, que o rio tem levantado o seu leito espantosamente, desde que os trabalhos principiaram; e todas as vezes que inunda os campos, é grande a quantidade de terras, que ficam perdidas; diminuindo assim a propriedade cada anno naquelle districto, a fortuna das familias, e a somma dos impostos.

Muitas vezes as chuyas creadoras da primavera são bastantes para arruinar os infelizes lavradores do campo de Coimbra, porque o rio já não tem margens, que possam conter as pequenas enchentes, nem são sufficientemente seguras para lhe resistir. — As searas são por isso frequentes vezes inundadas, depois dos campos sementeos, ficando perdidos muitos lavradores, e familias inteiras, com estes prejuizos.

Sabemos, que a Camara Municipal de Coimbra, que todos os annos desenvolve grande zelo pelos melhoramentos e engrandecimento do municipio e da cidade, fizera já um grande caes ao longo da margem, que corre com ella para desviar a agoas, e impedir daquelle lado a accumulção das arêas, que tem levantado a cidade espantosamente. — Alli se vêem hoje reduzidas a umas pequenas meias portas, as que ha poucos annos davam entrada para os edificios nas ruas da cidade baixa; porque a Camara mandou ao mesmo tempo levantar-as, para evitar a frequente invasão das enchentes do rio dentro della; e é digno de notar-se, para não fazer menção de outras circumstancias, o facto de estar servindo presentemente a Igreja do antigo convento de Santa Clara de casa de abegoarias e de curraes, da cimalha para cima, achando-se entulhado todo o pé direito deste edificio.

O alveo do rio está actualmente em muitas partes mais alto, de Coimbra para baixo, do que os cam-

pos, e em outras acha-se igual com as mottas. — As arêas accumulam-se todos os annos, e nas enchentes do rio cobrem os campos, e os tiram da cultura. — As Insuas, que faziam as vizinhanças de Coimbra tão apraziveis e mimosas na primavera; — os campos, que se viam tão viçosos de ambas as margens do Mondego, desafogados, e tão amenos, são hoje arêaes, que inflammam os raios do sol, e fazem árido, insalubre, e inhospito um paiz, outr'ora pródigo de productos e de encantos. — Muitos terrenos estão além disto pantanosos, sem poderem nunca cultivar-se, por causa do filtramento das agoas que passam para os campos pelas mottas do rio; produzindo ainda um damno consideravel á saude publica todos os annos.

Sobre a infelicidade que as obras do rio tem tido, não podemos deixar de deplorar a inercia das Camaras Municipaes; porque extineta a authoridade, a quem competia antigamente a jurisdicção de vallas e marchoens no campo de Coimbra, é a ellas a quem pertence agora prover á abertura de todas as que não são, nem pôdem ser comprehendidas nas obras do rio. — Acham-se entulhadas muitas, que são indispensaveis para o dessecamento do campo e para a sua boa cultura; talvez porque os proprietarios, por effeito de uma ambição mal entendida, julgaram, que podiam com isso augmentar as suas terras; — outras alagadas, e por abrir, ha muitos annos, servindo de receptaculo imundo ás agoas, que alli entram nas inundações do inverno, que não podendo sahir, são de verão um fóco de doenças, que dizimam horivelmente a população.

O beneficio do adiantamento de doze contos, que uma lei das côrtes na sua ultima sessão manda fazer áquellas camaras, para occorrerem a estes trabalhos tão urgentes, é grande não ha duvida, mas não é de certo um meio, que satisfaça as necessidades da população, e da agricultura do campo de Coimbra. — E' mister adoptar um systema, em virtude do qual se providencie á abertura de todas as vallas, que são necessarias, para que os campos sejam bem e opportunamente cultivados; e á boa conservação das aberturas sempre, tendo-as bem desembaraçadas, para que as agoas corram livremente, desde que entrarem nelas, e deste modo não soffra tambem a saude publica, objecto importantissimo, para que é necessario atender-se muito. — Este anno a mortalidade na cidade, e em alguns concelhos do campo de Coimbra fez aterrar os povos, e causou grandes perdas nas familias; convem prevenir estas funestas calamidades, que está na mão dos homens combater, quando não vem como uma demonstração severa da providencia.

Parecia-nos por tanto, que em quanto ás obras do encanamento do Mondego, estas se deviam examinar attentamente, e resolver por uma vez, que systema se deve adoptar, para que se façam com solidez, e produzam quantos resultados convem á navegação, á agricultura, e á saude publica; — e pelo que pertencem

ce ao mais, se devia adoptar um systema de vallas sobre um imposto lançado a cada aguilhada ou geira de terra, creando-se attribuições especiaes nesta parte, que se accumulassem ás do governador civil, e junta geral daquelle districto.

Se por ventura se prover a isto com a urgencia, que o caso exige e como convem, o Mondego ainda será util á navegação, e ao commercio, se ao mesmo tempo se prestar ao estado, em que as obras da barra da Figueira vão pondo aquelle porto, a attenção, que este demanda: — e o campo de Coimbra poderá tornar a merecer as fadigas de seus laboriosos e infelizes cultivadores.

A. R. O. Lopes Branco.

A policia medica, e hygiene publica no interior do paiz, depois de termos tratado no artigo antecedente da sua applicação ao serviço sanitario do littoral e fronteiras, completa o quadro da administração da saude publica do reino.

Para analysar esta vastissima serie d'operações, cumpre ponderar o que pertence ao medico com interprete da sciencia, ao medico como autoridade de confiança do governo, e á authority publica sem dependencia d'habilitação scientifica.

Tudo, o que sem manifesta deslocação pôde ser attribuido legitimamente a esta delegação administrativa do poder executivo, reduz-se á hygiene publica, e á policia medica, como parte complementar, do que já tratámos; o que resume em si todos os meios preventivos, ou atenuantes da epidemia, que mais particularmente occupa a attenção, e com as modificações precisas de todas as epidemias.

Se estes dois modos de melhorar as condições da salubridade, ou de tornar menos maléficas as causas que as perturbam são technicos, é evidente, que o oraculo competente a consultar é a sciencia como faculdade — o gremio cathedratico de Coimbra.

Proferido allí o juizo, e convertido em fórmulas officiaes, não se receie que as crenças publicas vacillem, como está acontecendo entre as opiniões contrarias, e mesmo contraditorias dos filhos da sciencia. O prestigio da Universidade, a presumpção de direito a favor dos distinctos caracteres, que professam aquelle ensino superior no paiz em relação aos outros medicos, que professam a clinica, só por sua respeitabilidade rodearão de respeito as suas opiniões. — Sendo pois essencialmente necessario para a uniformidade do serviço, e conceito da sciencia, adoptar-se uma só opinião na parte technica, para evitar a repetição, em seu desabono, desses dois apostolados — da limpeza, e da immundicia — e outras identicas desconformidades, que aos olhos do publico tornam a authority impertinente, ainda nas suas mais moderadas exigencias, por havel-as como escusadas, fica demonstrada a

necessidade desta preeminencia que se deve conceder á faculdade de medicina de Coimbra.

Não se creia, que alardeamos de lembrar cousa nova, nem na fórmula, nem na materia; lá está o exemplo nos outros paizes — são as doutrinas especiaes sobre esta materia, que em Coimbra se preferem no ensino, as unicas, que para justificação da preferencia devem ser authorisadas — e então o trabalho está feito, a pratica é imitada.

Se (permitta-se-nos a expressão) legislados os meios hygienicos, e policiaes, pelo poder competente « a summa cathegoria technica » se pertende saber o modo humanamente certo de tornar proficua a sua applicação, será facil entrando no detalhe.

Dê-se por exemplo, que entre os principios competentemente authorisados figuram a limpeza das ruas e domestica, a localidade de certos estabelecimentos em relação á distancia de povoado, e de outros com prescripções determinadas, a canalisação das agoas de despejo, &c., a repartição central apenas recebe e transmite intactas estas instrucções, e fiscalisa o seu cumprimento. Mas como o fiscalisa ella? pelos meios da correspondencia official, isto é, colhendo noticias de facto para promover a correção por abuzos, e omissão, ou para compilar, e fazer um quadro dos melhoramentos alcançados, e um calculo aproximado, dos que se podem esperar nessa repartição central, pois nada ha technico, nem deliberativo, tudo é prescripto, e de simples administração: a sciencia nada tem que ponderar: a authority central puramente administrativa só véla pelo cumprimento dos deveres dos subalternos: e como véla? Procurando saber, se fazem, ou não, e porque não, o que as instrucções determinam.

Como prova de que a repartição central não precisa ser technica para preencher cabalmente esta fiscalisação bastará lembrar, que os factos, que tem a registrar como expressão do modo, porque se satisfaz ao cumprimento das instrucções sanitarias, são todos de natureza, que só pelo laconismo da expressão se podem converter em realidades, por isso que, se a authority se não fizer entender, não tem direito a fazer-se obedecer: vê-se pois a indispensabilidade de se tornar intelligivel ao publico em toda a gerencia do serviço sanitario, e então a noticia, do que se faz, não pôde exceder a intelligencia da authority central, a quem se communica.

Objectos ha todavia sujeitos immediatamente á inspecção dos homens filhos da sciencia, mas á repartição central nesses mesmos só cabe a sciencia de facto; a fórmula de o produzir, ou é da competencia, de quem o produz, ou é estranho a ella; no 1.º caso, não pôde nisso ter ingerencia — no 2.º não lhe cabe, por ser these: são os casos alludidos, analyses, visitas de boticas, de lojas, &c.

A medicina legal não chama o facultativo como authority, ouve-o como perito, consequentemente não

faz parte da administração da saúde pública: a pratica em contrario, por abuso, deve cessar.

Não ha pois na repartição central da administração de saúde pública do reino materias technicas, que tratar, nem no que respeita á policia sanitaria externa, nem interna, e se deyras se quer tirar do cãhos esta parte da administração publica, deve assim ser havida para todos os effeitos: tendo nós a acrescentar, que a policia interna sanitaria, affectando tão de perto todos os interesses sociaes, só poderá ser acolhida com a submissão necessaria por parte do povo, quando a auctoridade tiver prestigio, e força, e as providencias o cunho da racionalidade.

Não entrámos no desenvolvimento de cada uma das especies, que bosquejámos, porque instava a necessidade de lançal-as ao publico tão depressa, que não permittia desenvolvê-las: como porém estão enunciadados os pontos capitaes, e sobre elles apparece luz sufficiente para fazer vêr os defeitos mais salientes da organização actual, temos preenchido um grande dever offerecendo a nossa opinião, sujeitando-a á discussão, e promptificando-nos a dar quaesquer explicações.

Principiando já daqui a fazer uso dos nossos principios, temos por absolutamente necessario, em frente da erize da saúde na Europa, que a Universidade de Coimbra, por ter em si todos os elementos de doutrina a estabelecer, ou forme systema seu, ou sancione algum dos muitos adoptados nos outros paizes, que abranja todas as providencias de administração publica e sanitaria, tendentes a obstar á introdução da epidemia, que nos ameaça, ou a attenuar os seus effeitos, quando por infelicidade ella chegue a manifestar-se entre nós: sim esta formalidade é tão necessaria, que da falta della resulta a presumpção de facto, em competencia para este trabalho, de todos os facultativos avulsamente, e por isso qualquer expediente, que se adopta, será recebido com reluctancia por parte delles, cuja acquiescencia é indispensavel; por isso que a adopção de um systema entre muitos propostos é a regeição de todos os outros, e no facto de se compulsaarem reconhece-se o direito de proporem: nascendo daqui um outro inconveniente de grande monta, a illação contra a sciencia — de ser materia d'opinião — aos olhos do publico, cuja fé tanto contribue em taes circumstancias para a salvação.

J. A. A. Dias Veneiros.

ENXERTIA.

Uma das operações mais importantes e maravilhosas da agricultura é sem nenhuma duvida a da *enxertia*. Por esta operação se conservam as qualidades particulares das variedades preciosas ou pelos fructos, ou pela belleza das flores.

Desde os tempos mais remotos tem sido devidamente apreciada a importancia desta bella operação: os Romanos fallam nos seus livros de vinte processos de *enxertia* pelo menos, porém os seus conhecimentos sobre este objecto eram imperfeitos.

Muitos meios são hoje empregados para praticar um enxerto, mas todos elles se fundam em principios geraes cujo conhecimento é indispensavel para que a operação possa ser levada a cabo com segurança.

Um ramo qualquer de uma arvore tem duas partes distinctas, uma interna que é o *lenho*, outra externa que é o *alburno*. O primeiro ainda se divide em camadas internas, duras e compostas, que são o *cerne*, e em camadas externas menos consistentes, e mais duras em geral, que são o *alburno*, ou parte nova do tronco: a segunda é tambem composta de duas especies differentes de camadas, as mais exteriores que são as mais antigas, e as outras interiores mais novas que se denominam o *liber*. E' entre as superficies do *liber* e do *alburno*, no ponto de contacto da casca e do lenho, que corre na primavera e no outono um liquido espesso e organizado, que se chama *cambio* ou *seiva*, e serve para a producção das camadas novas de cada anno (1).

E' principio geral na enxertia, que ella seja praticada de modo, que esta zona onde corre o cambio no *garfo*, a que se dá o nome de *zona generatriz*, fique em perfeito contacto com a zona correspondente da arvore onde elle se implanta.

Faltar a este preceito é pôr em risco o bom resultado da operação, a menos que ella não seja em plantas *sarmentosas* e de vasos grossos, como a vinha, &c. No enxerto de *coróa* são satisfeitas estas condições, assim como no enxerto de *escudo*.

Para que o enxerto pegue é tambem necessario, que o garfo ou borbulha seja de planta semelhante áquella em que se quer implantar, isto é, que sejam as duas plantas da mesma *familia* e ás vezes até do mesmo genero.

Alguns dos enxertos extraordinarios citados pelos auctores antigos, como são o do jasmineiro na laranjeira, da laranjeira no romeira, e muitos de que Palladio falla no seu poema de *Re rustica*, não são possiveis, como o demonstram as observações dos melhores agricultores.

Uma outra condição é ainda necessaria para que a enxertia seja feliz, e vem a ser que tanto o garfo como a arvore em que elle se implanta estejam no periodo de engurgitamento seivoso. Se a epoca de seiva n'um e n'outro dos individuos que se querem unir não é a mesma, então costuma-se obviar este inconveniente, já escolhendo individuos irregulares no desenvolvimento seivoso, já conservando por alguns dias os ramos destinados para garfos cercados de musgo ou de terra humedecida.

(1) Vide a primeira parte do *Guia e Manual do Cultivador*.

As relações de grandeza são também muito atendeveis: prender uma especie robusta a outra que se desenvolve pouco, é votar á morte o individuo desta ultima especie sem utilidade: enxertar uma especie fraca sobre um individuo robusto, é matar o garfo para assim dizer de indigestão.

Além desta, ha uma ultima condição que convem attender; é a de dureza. Madeiras moles não se associam a madeiras duras, plantas herbaceas não se unem a plantas lenhosas.

Estas condições devem estar sempre presentes ao horticultor quando praticar uma enxertia. São principios geraes que o podem guiar nos diversos casos particulares, e que necessariamente o conduzem por um caminho seguro, na pratica dos diversos methodos adoptados para propagar as variedades raras, que a sementeira destrõe, e que a enxertia conserva.

Os enxertos podem em geral dividir-se em quatro grandes classes, que veem a ser: *enxertos de partes lenhosas*, *enxertos por aproximação*, *enxertos de escudo*, e *enxertos de partes herbaceas*.

Diremos resumidamente sobre cada uma destas classes o que achámos de mais notavel em alguns livros de agricultura estrangeiros, e que julgamos digno de offerecer á consideração dos nossos agricultores.

Os *enxertos de partes lenhosas* são aquelles em que se adapta a summidade de um ramo novo munido de botões e sem follas no cimo de um ramo serrado de uma arvore de modo que as *zonas geratrizes* se correspondam.

Os enxertos desta natureza fazem-se mais vantajosamente na primavera do que no outono; sobre tudo quando o garfo está n'um periodo mais adiantado do desenvolvimento seivoso do que a arvore em que elle se enxerta. Para tornar mais intimo o contacto dos ramos que se unem, costuma-se dar ás superficies de união uma fôrma irregular de modo que os pontos salientes de uma entrem e se ajustem exactamente com as partes reitrantes do outro. Entre nós chama-se a isto *enxerto de pé de cabra*.

Esta classe de enxertos faz-se pelo processo simples denominado de *garfo* ou de *racha*, que consiste em cortar obliquamente de dois lados oppostos o raminho que deve servir de garfo, e que convem que tenha apenas um ou dois annos, de modo que fique com a fôrma de uma cunha, e metter essa cunha n'uma racha feita convenientemente na prumagem, ficando as cascas do ramo e do garfo em intima união. Outro processo desta classe, que é apenas uma modificação deste, vem a ser o de *corôa* que se executa de um modo analogo ao que expozemos, só com a differença de se fazer a implantação de muitas borbulhas em vez da implantação de um ramo. Este *enxerto de corôa* é proprio para a renovação de arvores já velhas.

O *enxerto de borbulha*, que também pertence a este genero de enxertias, pratica-se abrindo uma fenda na casca de um ramo da arvore em que se quer en-

xertar, e introduzindo nessa fenda uma borbulha da variedade que se pretende conservar, e que deve ir acompanhada de uma pequena porção de casca.

Lê-se n'uma revista agricola a historia de uma arvore que existe no jardim Botânico de Dijon; historia que prova as grandes vantagens que se podem colher da enxertia de *garfo* quando fôr applicada com prudencia, e segundo os principios que acima deixamos estabelecidos.

Na primavera de 1845 o jardim Botânico recebeu o presente de uma colleção de *garfos* de maceira, pertencentes a variedades preciosas: como não havia então no jardim individuos proprios para receber aquelles garfos, o jardineiro resolveu-se a implantal-os todos n'uma só arvore; apesar dos inconvenientes que costumam acompanhar os enxertos multiplos, e que costumam ser ordinariamente a morte do maior numero dos *garfos*, que são sacrificados ao desenvolvimento de alguns, que sobrevivem vigorosos.

Conhecendo que as principaes causas dos accidentes desastrosos que deixamos notados são a differente força de vitalidade dos ramos em que se opêra, a variedade das suas posições, e das suas distancias ao centro da arvore, e finalmente o habito que existe de enxertar só nos ramos elevados e extremos, o jardineiro de Dijon escolheu uma maceira vigorosa, cujos ramos lateraes estavam piramidalmente dispostos, e podiam receber *enxerto de garfo*.

Em 10 de Abril, quando a arvore estava nas convenientes condições, os ramos lateraes foram operados a uma distancia igual do tronco, isto é, a dez centimetros. Todos os enxertos pegaram perfeitamente, e a arvore fórma hoje uma magnifica piramide vegetal, contendo para cima de cincoenta variedades.

Este exemplo é uma excellente lição para os amadores de arvores fructíferas, que podem delle tirar grande proveito; vê-se que é possivel não só reunir n'uma arvore fructos preciosos para uso e para venda; mas grupar n'um pé só um viveiro completo.

O *enxerto por aproximação* tem logar, quando se unem dois ramos ou duas arvores, ficando estas prezas ás suas raizes, e tirando-se-lhe a casca no ponto de contacto: nestas condições os *libers* e *alburnos* soldam-se entre si; a ponto de se poder cortar um dos ramos por baixo da junção, ficando o outro encarregado da sua nutrição.

Estes enxertos fazem-se muitas vezes naturalmente, quando por qualquer accidente os ramos de duas arvores contiguas se encostam uns com os outros.

O *enxerto por aproximação* applica-se nos jardins botânicos para multiplicar especies raras, de que se receia perder os individuos no acto da multiplicação.

Duas applicações curiosas se fazem deste processo; uma para mudar á vontade o cimo de uma arvore e substituir-lhe outro; outra para dar á ramagem de uma arvore muitos troncos; o que se faz inclinando muitos individuos novos para um que lhes fique no

meio, fazendo-os unir, e depois cortando a ramagem de todos, excepto a do central.

O *enzerto de escudo* consiste em tomar um pedaço de casca carregada de uma ou mais gemas, ou botões, e adaptal-a com exactidão sobre a arvore em que se pretende fazer a operação, n'um espaço cuja casca esteja tirada tambem em porção correspondente, e em ligar tudo para tornar mais intimo o contacto, até que a união esteja inteiramente formada. Nota-se que a operação é mais feliz quando a gemma

do escudo fica n'uma posição correspondente á que occupava a gemma da porção de casta tirada.

O *enzerto de partes herbaccas* era desconhecido dos antigos agricultores: foi Tschudy quem primeiro o applicou com vantagem, e reconheceu que em certos casos elle era preferivel aos processos que descrevemos acima. Occupar-nos-hemos delle n'um dos nossos numeros immediatos.

(Continua).

J. de Andrade Corvo.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



O MESTRE DE ESCRITA.

FRANCISCO MIERIS.

Na epoca em que a Hollanda mudou, pela *reforma religiosa*, a sua condição moral e o seu systema politico, o principio da arte hollandeza, que até então era o naturalismo espiritualizado pela fé religiosa, sof-

reu uma transformação profunda; a pintura tornou-se a representação pura e simples da natureza sensivel.

Rembrandt foi o primeiro representante inspirado desta nova escola; porém dominado pela doutrina severa e triste de Luthero, elle não aceitou a natureza

na sua innocencia primitiva, mas soube cercal-a de obscuridade mysteriosa, alumial-a com os incertos clareões de um crepusculo vago e lugubre.

A grandeza melancolica do sublime mestre não se conservou porém muito tempo; o character biblico de Rembrandt esvaeceu-se no espirito realista enthronizado pelo protestantismo. Gerardo Dow pertence a este segundo periodo: os seus quadros são claros, puros, correctos, de um *acabado* minucioso que restringe e limita a propria grandeza da natureza phisica.

Francisco Mieris passa por ser o melhor discipulo deste mestre: foi mais correcto, mais minucioso ainda do que Gerardo Dow, mas estreitou o circulo dos assumptos e diminuiu as dimensões dos quadros muito mais do que elle.

Mieris nasceu em Delft em 1635. Seu pae, ori- ves de grande fama, notando a muita propensão que elle tinha para a pintura, permittiu-lhe que se dedicasse particularmente ao seu estudo; e Mieris escolheu para mestre Gerardo Dow, em cuja escola logo entrou.

Os seus primeiros trabalhos adquiriram-lhe grande reputação, que o proprio Gerardo Dow se empenhou tambem em espalhar por todo o paiz. O Archiduque d'Austria convidou Mieris para vir estabelecer-se em Vienna, propondo-lhe, pagar as suas produções por alto preço, e dar-lhe a penção de mil rix-dollars. Esta proposta não foi acceita por Mieris, que preferiu illustrar a sua patria a ir viver do ouro estrangeiro.

O desgosto que lhe causou a noticia de que um presente seu tinha sido mal recebido pelo Crão-Duque de Toscana, foi a causa d'elle se entregar á intemperança e aos excessos: Mieris que odeiava nos outros estes vícios, deixou-se dominar por elles de um modo escandaloso. A sua constituição soffreu tanto desta mudança repentina nos habitos da vida, que pouco tempo poude resistir: houve porém nelle um ultimo periodo de transformação moral antes da morte, mas tão curto que apenas chegou quasi para levar a cabo um bom quadro. Uma noite que o nosso pintor voltava para casa n'um miserimo estado de embriaguez cahiu n'uma rua que se estava concertando: um çapateiro das vizinhanças acordando aos seus gritos correu a acudir-lhe, e, achando-o em perigo de vida, levou-o para sua casa, onde o conservou até ao outro dia de manhã. Voltando para casa, Mieris, profundamente affectado, pôz-se ao trabalho, e pintou um quadro com grande perfeição, que levou com as suas proprias mãos ao çapateiro: que mais tarde o vendeu por cem florins. Pouco tempo depois, em 1681, Mieris morreu da idade de quarenta e seis annos.

A nossa gravura de hoje é cópia de um dos quadros mais preciosos de Mieris, que se guardam na Galeria de Dresda.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XVI.

Uma cêa cara.

(Continuado do n.º 15.)

Gloria a D. Muninho! Foi o primeiro, que investiu com um pé d'urso. Os pés d'urso, assados, tinham esquecido a Vasco Lourenço na sua culinaria solicitude.

— «Onde tem a cabeça aquelle Estevão Alho?...» — acudiu Fernam Pires com voz irada.

— «No inferno, donde é a idéa de escarnecer a pobreza dos servos de Deus» resmungou o leigo, continuando a tocar flauta no pesunho d'urso.

— «Que tragam vinho que se beba, e carne que se coma!» clamou Vasco Lourenço com fervor.

— «Não foi elle!» — foi a desdentada osga da cozinha — rosnava D. Muninho, raspando os nervos do chispo, que lhe faziam calafrios por todo o corpo. «Amanhã fallaremos. Deixa estar!»

Roendo e ralhando o leigo instrua o processo de Estevão Alho, lavrava a sentença, e como o imperador da China com o seu barbeiro, resolvia sabiamente, que elle só devia ser o juiz e o verdugo da victima illustre.

Um quarto de veado acerejado do espeto, que veiu substituir a malfadada forçura, e excellente vinho de um aroma fino, em lugar da asquerosa zurrapa, levantaram o animo dos dois convivas.

— «Viva Deus» — exclamou o leigo — «estamos em terra abençoada. Este sim, que é vinho, e do maduro, do cerceal. Somos amigos velhos ha muitos annos.»

O reverendo entendia mais de vinho que d'orações e cilícios. E comendo e bebendo amansou a pontô de tratar o judeu com a benevolencia, que o Evangelho recommenda para com os inimigos. A alegria da cêpa reluzia nos olhos esbrazados de sua «Charidade», dos quaes ternas lagrimas saltavam a miudo. A lingua tropega e grossa dava ainda maior sabor ás historias — pouco edificantes — em que se espraçou, contando as proezas da sua mocidade com tal viveza, e «collorido», que não indicavam grande arrependimento. Os pagens divertiam-se devéras, e estimulavam a veia do peccador com repetidas libações. As suas aventuras no Mosteiro, o beaterio dos fradaldões da ordem, as fragilidades do prelado, a gula do abbade, e todas as imperfeições mundanas, que se tinham aninhado no claustro, vieram á praça com extremo prazer dos ou-

vintes. Babujando de commentarios torpes a vocação dos monges austeros o Barbato riu-se do temor de Deus como d'um absurdo, e da virtude como d'um paradoxo. Domesticado, pela boa companhia D. Zuleima chegou a olhar para o leigo como para um desenfastiado camarada de côpo, e levou a condescendencia ao auge de rir com elle do roubo dos vinte dinheiros, o que o monge celebrou com truancas exclamações. D. Zuleima pagava-lhe comparando o seu estomago insaciavel aos areas de um deserto capazes de sorver o mar sem nunca estarem fartos.

Mas a pouco e pouco, com o pezo dos vapores, a embriaguez de D. Muninho tomou o character pirronico, rixoso, e provocador, que raras vezes deixa de ser o seu complemento. Toda a birra do Barbato era obrigar o nosso D. Zuleima a rezar o credo, e a fazer doação dos bens á ordem de Cister. O judeu principiou a achar o gracejo excessivamente serio.

— «Honrado D. Judas . . . D. Salomão . . . Abel, ou o que quer que sois . . . » gaguejava o Barbato.

— «Zacharias Zuleima.» Pela undecima vez respondia o rabino, cortando um famoso naco de viado.

— «Zacharias! . . . — proseguia o outro, meneando a cabeça com a solemne gravidade do vinho. — Deus é que vos trouxe aqui. Meu chupa morabitinos, amalecita endurecido, é preciso arrepender e mudar de vida, ou vae tudo com os demônios . . . quero dizer pelo inferno abaixo! . . . Sou medico, e vejo-te na cara uma apoplexia; estás morto.»

D. Zuleima, suspendendo as funções gastronomicas, aterrado do annuncio, embasbacou no leigo olhos parvos, e cheios de susto, gritando com horror:

— «Uma apoplexia! . . . »

— «Na alma, tolo! . . . desgraçado peccador, na alma. O corpo está são! . . . »

— «Ah! — exclamou o judeu respirando. — E' só isso?»

— «E achas pouco?» — berrou o missionario enternecendo-se. «Come, bebe, creatura immunda, que o diabo te virá esganar uma noite com as garras . . . de que são as garras do diabo, Muninho? . . . ah, unhas de croque, como diz o padre Fr. Munio.»

Uma grande gargalhada seguiu de perto este novo addicionamento ás bellezas tradicionaes do «pae da mentira.» Este riso não foi do agrado do leigo, que proseguiu em tom de lamuria:

— «O' djabo é um croque . . . meus irmãos. Já vol-o disse . . . — depois virando-se para Zacharias com impeto, gritou: — «Sabes o credo, judeu?»

D. Zuleima, comendo sempre, com a cabeça disse que não.

— «Mau! . . . E' a chave do paraizo. Vamos, limpa-me esses beiços untados, e diz comigo do fundo do coração — «Credo in Deo» . . . alto! Já sua mercê queria roubar a Deus, e esgueirar-se do inferno? . . . Nada! . . . Antes é preciso uma bagatella. Arrepen-

des-te dos teus crimes, e delles pedes perdão a Deus padre, Filho, e Espirito Santo? . . . »

Mestre Zacharias, apezar de rabino, ficou estúpido de vêr a cinica impiedade do Barbato. Este, porém, proseguia muito satisfeito:

— «Dos bens apanhados, e roídos nas folhas dos livros d'el-rei, dás ao nosso Mosteiro duas partes, e a mim, teu guia espiritual, a terceira para esmolas ás viuvas, e donzellas envergonhadas?»

O judeu, lembrou-se da vespora de S. Pedro, da ponte de Coimbra, dos seus vinte dinheiros, e poz-se a tremer.

O frade, todo illuminado nas côres purpureas de baccho, e piscando olhos lascivos aos circumstantes — bradava: — «nem uma mealha para mim — é tudo para ellas, é tudo para ellas!»

D. Zuleima deitou a vista supplicante em redor de si; porém todos estavam muito embebidos na scena indecente, que observavam, para o attenderem.

— «Victoria! Victoria! . . . Christo venceu! Eu converti um judeu peor que cem legiões de demônios . . . *Vade retro Satanaz!* . . . não me toques nesta nata dos filistheus! . . . irmão Absalão . . . Zacharias?! . . . meu rico irmão Zacharias . . . puph! . . . cheira a enxofre o rabino . . . De hoje em diante, ouves? Chamas-te . . . Muninho, o glorioso nome do teu salvador . . . »

Virando-se para quantos o rodeavam e riam apertando as ilhargas — arregalou os olhos e berrou:

— «Victoria! . . . Legar os bens á ordem de Cister, e a terça ás viuvas e donzellas?! . . . »

— «E' mentira — gritou o espavorido judeu — eu não dou nada! . . . não tenho nada.»

— «Pela bemdita caveira do meu padre S. Bernardo, juro . . . »

— «Calla-te apostata — não profanes nas tuas devassidões o santo nome do nosso fundador!»

O braço da taça ficou tezo e hirto no ar ao leigo. Com a bocca escancarada no riso boçal da ebriedade; pasmou a vista estúpida em Fr. Munio, que era quem o interrompera. Depois, apontando para elle, bradou com uma gargalhada parva:

— «Esse farricouco tirem-mo dahi. Não veem que não se pode ter de vinho?»

O virtuoso monge, descendo o capuz, escondeu as faces vermelhas de vergonha. Neste momento o judeu, agarrava-se-lhe á fimbria da tunica, dizendo:

— «Livrae-me das mãos deste salteador, disfarçado nos habitos da vossa ordem . . . já me roubou vinte dinheiros!»

— «Dizes a verdade judeu, disfarçado.» Acudiu Fr. Munio suspirando.

— «O judeu renega? — insistia o Barbato que dois serviçoes empurravam para fóra da sala. — Eu ensinarei o pagão tisonado . . . Anda cá Pilatos, Longuinhos, Magdalena usuraria?»

— «Levem-no, levem-no já» — exclamava o monge convulso de indignação e enojo.

Vasco Lourenço, quando viu o leigo atolar-se na brutalidade da embriaguez foi direito a Fr. Munio, e com ar magoado conteu-lhe o escandalo que um hypocrita estava dando aos bons christãos. Fulminado com a noticia, o frade desceu logo, e chegou exactamente na occasião em que a gloria bacchica de D. Muninho resplandecia com todo o fulgor. Detraz dos serviçoes apinhados, o pobre monge viu e ouviu tudo com horror e espanto. Coração nobre, alma recta e verdadeira sentia-se desfallecer de afflicção com os impuros fumos daquellas devassidões. A figura truenesca do leigo, roxo de vinho, e impando de lascivia, aos olhos da sua consciencia caracterizou-se com as feições do Satyro vomitado pelo inferno para arrastar as gentes pela sultura sensual. O histrião, impudente e impio, tinha-se assentado nos degraus do altar para apagar com o sopro do escarneo a luz do céu, que arde em roda delle. O veneno das suas blasphemias, aceradas pelo riso, distillando no peito dos ouvintes, acedava delles ao santo temor de Deus; e, vestido dos habitos dos solitarios mortos para o seculo o truhão vil fazia duvidar os fieis da pureza dos que lhe pré-gavam cingidos do mesmo esparto.

Neste conflicto doloroso a esponja que trazia na bocca azedou-se-lhe de toda a amargura desta grande e nova dor. «Senhor — gemia elle — é preciso que um immenso poder de tentação sobre os teus servos fosse dado ao abysmo, para envolto na propria mortalha da penitencia o espirito rebelde se atrever á obra santa da tua lei! São os desvios dos que te negam no coração, chamando-te com a bocca; são os regalllos e deleites do corpo, que entraram na clausura, e esqueceram a vibora, que não mataram quantas lagrimas e sangue correram para a desterrar de lá. Os olhos dos solitarios, caçados de olhar sempre para o céu, viraram-se para a terra, e dos limos das grandezas mundanas fizeram idolos aos sentidos e á carne; porque a sua alma não era já de Deus, e andava cega por meio do borburinho das cidades.»

«A cruz tinha sido o leito em que se estendiam para morrer — arvoraram-na entre palacios e castellos, emblema de sceptro ou de poder; e apagando as letras de Deus entalharam no madeiro as das paixões do homem. A soberba, a cubica, e a riqueza hão-de perder-nos. O ouro matará o claustro, como o povoado matou o ermo!»

— «Entre as ervas más crescerão flores. As virtudes nunca perecem. Mas os eleitos serão poucos; seculos d'abnegação e de estudo, a virgindade do coração e do espirito, a fé no meio da indiferença ou das moffas fazem martyres — porém não tornam a levantar o mosteiro. Os martyres hão-de chorar, as suas penas serão as de todas as almas nobres; e o seu clamor não morrerá com a geração que os arrastou; hão-de durar e escrever o protesto nas lousas, debaixo

das quaes os verdugos e as victimas estarão dormindo. Mas a posteridade é um cemiterio. A gloria que lá chega — não passa de furtiva restea de sol, que doura um nome, ou dá luz a uma pagina. Depois do mosteiro em ruinas não ha braços para o erguer.»

— «Um dia, quando os gritos dessa philosophia vaidosa do saber de hontem, de que nós os monges lhe ensinámos mais de metade, cahirem no silencio, que se faz á roda d'um sepulchro — nesse dia os algozes e o condemnado serão chamados a novo juizo. O processo será revisto, e a historia delle — livro maldito de crimes, cubicas, e torpezas, — aberta sobre a sepultura de cada um dos grandes homens, que revolveram com a charrua os ossos dos justos e os ossos dos paes; e ufanos da gloria dos combates mandarão os corceis profanar os templos, em que repousam os reis, debaixo das abobedas d'onde pendiam tropheos, ganhos, quando quebrar pelo punho a espada ao estrangeiro, e varrer o pó dos seus pés da terra natal, foi um dever santo e religioso para o Mestre d'Aviz e Nuno Alvares Pereira!»

Essas bandeiras da independencia servirão para chaireis de cavallos; e os ossos, que se juntem n'algum desvão humido! o marmore dos tumulos é para lagear passios. Essas cruces e custodias, ouro e prata para materialistas sem tradições, fundir-se-hão em copos e baixelas, ou em collares e brincos!

Esta geração dir-se-ha mais sabia, mais illustrada, maior que todas as outras. — O velho Portugal enterava os conquistadores nos seus campos, e dizia ao arabe — «Este solo é meu» e fel-o seu. A Castella — «Esta corôa é livre» e foi livre. Ao oceano: «serás meu escravo», e o oceano curvou-se ao sulco das suas armadas. Então Portugal tinha coração que batia com a gloria e com a liberdade....

«Um dia a cogulla do monge que foi arnez de soldado tambem, mas de soldado pobre, sem armas, paciente, e resignado, que viveu e padeceu com o povo por todas as verdadeiras liberdades, que chorou as lagrimas de todos os opprimidos, e fustigou a dissimulação e o orgulho de todas as tyrannias — a cogulla do monge, levantada das ruas, onde lha despiram, será consagrada com os outros grandiosos simbolos da civilisação e do progredir humano.»

Uma luz prophetica illuminava assim as reflexões de Fr. Munio até ás sombras do futuro. O espectáculo, que o contrastava não era, infelizmente, unico na chronica do claustro. Mas a estrondosa publicidade, de que o Barbato se rodeara, campeando como Sileno no asno da embriaguez, é que sobre tudo assustavam mais o bom do padre. Um exemplo severo, o castigo immediato do sacrilegio devia ser o melhor meio de desvanecer os deploraveis effeitos da impiedade do leigo. Meditando nisto, sahiu da sala, e dirigiu-se ao aposento de Maria Paes, perseguido pelas mesuras e momices do agradecido D. Zulcima, que não parou se-

não no primeiro degrau da escada, que subia para os andares de cima.

Mas voltando á casa da cêa o judeu ficou um pouco enleado de achar nella, Martim Paes, assentado no mesmo escanho, d'onde o Barbato se erguera para entoar o « gloria in excelsis » á conversão do honrado thesoureiro. D. Zuleima, principiava a dispender cortezias e agradecimentos pela boa pousada, quando um gesto imperioso lhe tapou a bocca. O cavalleiro de Lanhoso acenou-lhe que se assentasse, e foi cerrar a porta. Dahi, chegou-se á meza, e enchendo a taça de vinho, despejou-a d'uma vez. Depois de dois ou tres passeios pela casa, parando defronte do rabino, e encrespando o sobrolho, com severidade, disse friamente:

— « Quem te mandou aqui, judeu? »

A pergunta não foi do gosto de D. Zuleima. Entrou n'um certo arrepio nervoso, a que a malicia dos satyricos tem a semsaboria de chamar medo. Com tudo sempre acudiu com voz macia e risonho aspecto:

— « A fome exforçado cavalleiro. »

— « Nada de embustes comigo, mestre Zacharias. Não sou mordomo, ou chanceller para engulir as garatujas dos teus livros como verdades de Evangelho. Quem te mandou? »

— « Ninguem. Por accaso passava, e . . . »

— « Ah, por accaso?! . . . Como hospede dei-te cêa e pousada. Como espia vou pôr-te em sitio alto, d'onde vejas tudo . . . eu tambem enforeco-te por accaso. »

— « Espia!?! . . . de quem sou eu espia? »

— « De Egas Lourenço. Confessa que te enviou aqui saber de seu irmão Gomes. Elle ou el-rei! . . . »

— « Pela sagrada toura nunca vi o nazareno. »

— « Mentos judeu, quem te salvou do povo na praça de Coimbra? Confessa, ou por alma de meu pae, e não quebrei nunca este juramento, mando-te pendurar pelos pés em uma viga desse tecto. »

O triste D. Zuleima, ouvindo a citação urgente, verde, azul, e roxo, sentia-se já, bailando ás estrelas, suspenso pelo gasnate. A força do medo entramelava-lhe a lingua. Com os olhos vidrentos e espantados olhava para o cavalleiro, com as mãos postas implorava a sua misericordia, e com os joelhos em terra batia um rufo de tamborileiro. Era tão expressiva a angustia naquelle rosto desfigurado, que D. Martim quasi que estava compadecido.

O objecto por onde encetara a conversação não era o fim verdadeiro da sua vinda. Seguindo vagos instinctos de diplomacia, o Sr. de Lanhoso creava um fantasma, para detraz delle fallar depois a realidade. O caso reduzia-se ao seguinte: — Martim Paes necessitava de dinheiro e o judeu gozava da fama de ter muito. Pedir-lho amigavelmente seria inutil; — arrancar-lho de viva força, incerto e demorado talvez; — restava extorquir-lho por intimidação, meio victorioso e prompto como nenhum.

Foi, já se vê, o esboço informe do direito das gen-

tes inaugurado nos mares da China. O celeste imperio devia envenenar-se com opio para a companhia das Indias se não arruinar. O proveito das suas grangearias chamou-se então progresso civilizador. A liberdade de commercio foi o fantasma, e os pacotes de opio a realidade. . . . o meio — a descarada logica de todos os seculos — a força bruta.

D. Zuleima, coitado, cahira entre as duas pontas de igual dilema: — « enforcado se não se deixa roubar, ou roubado para se não deixar enforcar inspidamente. » Não consta, porém, que no terror bem natural de tamanho caso de consciencia o nosso amigo, chegasse ao desespero de deitar a lingua de fóra ao seu perseguidor, como a bellicosa chuchadeira dos mandarins ao Commodoro britanico. Mesmo de baração ao pescoço tinha grandeza d'alma para regatear nas despesas do funeral, e enganando o verdugo, sumir a melhor peça da sua herança na morte do justicado. D. Zuleima estava resolvido a engulir as duas pedras do seu colar, que valiam ambas juntas o resgate d'um conde.

— « Então, judeu, perdeste a falla? » interrogou D. Martim com impaciencia — « Que vieste aqui fazer? »

— « Nobre cavalleiro — balbuciou a victima — eu vim . . . porque chovia, era noite . . . e a Coimbra são tres legoas. »

Era uma razão soffrivel. O judeu recolhia-se para não estoirar de frio.

A de Martim Paes para convencer mestre Zacharias foi tambem sufficiente. « Bolça ou vida! » Mote, que se gloza, e se completa desde que ha oppressores e fracos.

Postas as cousas nesta clareza — o cavalleiro de Lanhoso estava muito apressado para se demorar nos preliminares. Aterrado o rabino, entrou logo em materia.

— « Donde vens? »

— « De Leiria. »

— « Para que? »

— « Fui arrecadar as rendas reaes. »

— « E trazes comigo? . . . »

— « Quasi nada — uma ninharia » — atalhou o judeu com desconfiança.

O cavalleiro deu outros dois passeios pelo aposento, e volvendo á postura antiga, cravou no desmaiado Zuleima os olhos d'um milhao que vei descer á preza.

— « Não acredito uma palavra — disse elle com socego, e ironia. — Aonde está o dinheiro dos direitos? Sois vós tão parvos, judeus, que o largueis de mão? »

— « Valente cavalleiro é tão verdade . . . como ser eu o mais pobre da minha tribu. »

— « O dinheiro, o dinheiro, que é delle? »

— « E' assim, o dinheiro . . . devia trazer . . . roubaram-me! »

— « Ah, roubaram-no?! . . . e a mulla e esse colar? . . . Cão tisuado, vasculho de synagoga, mentes.

Entraste aqui por espia. Mas em nome de Santiago Apostolo, antes d'acabar a noite, ceiarás segunda vez com Judas no inferno.»

— « Misericordia ! » clamou chorando mestre Zacharias, e tornou a atirar-se ao chão, e a varrer com as barbas os pés do Sr. de Lanhoso.

Martim Paes indo já a sahir fingiu que se commo-
via; parando de repente bradou com imperio:

— « Onde está o dinheiro, judeu? . . . não graces com a morte. Se o não trazes és espia, e enforco-te — se o tens . . . não te succede mal. Escolhe ! »

Uma idéa consoladora, luminosa, encheu d'esperanças o coração de mestre Zacharias. O dinheiro era do recabedo real, não era seu. Affonso 2.º podia obrigar a restituil-o, e castigar mesmo quem lhe tocasse em quanto depois d'elle, honrado D. Zuleima, ter sido enforcado, o que lhe parecia indubitavel, todos os reis e imperadores do mundo não ressuscitavam a carcassa roida dos abutres, que o norte balouçaria na forca. Havia de ser lastimado, recommendado como o exemplar dos thesoureiros; porém; — « farelorio! dizia consigo — não ha asneira maior que morrer á espera d'um elogio posthumo. » Portanto — em conseguindo arrancar ao cavalleiro a declaração de que se apropriara das rendas, ficava limpo e salvo, e com o pescoço sem tregeito nem quebradura.

Partindo deste raciocinio, que apesar de não ser vasado no molde classico do grande Genuense — não deixava de ser um raciocinio *competente*, como diria um amigo meu — o Sr. D. Zacharias, com um gemido abriu a aljubeta, desacolchetou a veste interior e dentre a pelle e a camiza tirou um saquitel inchado.

— « Aqui está a renda de cinco herdades de el-rei » — disse, carregando na palavra *rei* como em conjuração magica.

— « E' tudo? » — perguntou o Sr. de Lanhoso com desconfiança. — « Vê bem. Vou mandar-te despir, e achando mais, com um ferro em braza, juro, cunhar-te na pelle quantas moedas quizeses furtar-me. »

Intimado com tanta amabilidade o nosso thesoureiro tornou a fazer viagem igual á camiza e á pelle, e trouxe della outro captivo, irmão mais velho do primeiro. — Pequeno e muito mais precioso, porque guardava ouro.

— « E' tudo agora » exclamou o judeu lagramijando. — « Mas sou um homem perdido, arruinado se o não entrego. »

Sem dar ouvidos ás lastimas do rabino, Martim Paes vasou os saccos sobre a meza, contou o dinheiro, e achou que todo junto fazia trezentos morabitanos. Por de traz d'elle nos bicos dos pés, D. Zuleima espreitava por cima do hombro do cavalleiro a operação arithmetica, acompanhando com olhos amigos cada moeda, e sentindo um repellão em todo o corpo quando o seu perseguidor se demorava com alguma.

Acabado de contar o dinheiro o irmão de Maria

Paes, com a mais affavel cordialidade virou-se para o judeu:

— « Meu querido D. Zuleima ha-de ajudar um cavalleiro, valer a um necessitado. Preciso destes trezentos morabitanos. »

L. A. Rebello da Silva.

(Continua.)

POESIA.

ORIENTAL.

Rica estende a natureza
De belleza,
Na terra um manto dourado,
E em seu regaço indolente
Dorme o crente
D'aereos sonhos cercado.

E' p'ra elle o campo infundo
Eden lindo,
Dão-lhe os astros meiga luz,
E a terra alfombras de flores
De taes côres,
Que nem tapetes d'Ormuz.

Vem o ar puro e filtrado
Perfunado
D'aromas que exhalam flores,
Como o almiscar desse harem,
Onde tem
Reis da Persia os seus amores.

Dá-lhe o arroio que murmura
Agoa pura
Mais que a de fontes custosas,
Tão fragrante, que embevece,
E parece
De pura essencia de rosas.

Quando elle corre apressado,
Retratado,
Em suas ondas de anil,
Dá-lhe o jasmim seus perfumes,
E ciumes
Tem d'elle o manso Genil.

Quando a rôxa luz do alvor
De rubor,
Tinge estas verdes collinas,
E em per'las transforma o rócio,
E do ocio,
Acorda as frouxas boninas.

Então a lasciva aragem
 Na ramagem
 Vae do somno despertando,
 Desprendendo o ai primeiro,
 E o ligeiro
 Calix da flor balouçando.

E á leda côr matutina
 E á bonina
 Ás folhagens, que doudejam
 E á brisa, que affaga as rosas,
 E ás maviosas
 Aves, que em torno lh'adejam,

Responde o arroio passando
 Susurrando
 Entre ribas de mil côres,
 Fita de azul radiante
 Fluctuante
 Ornando um manto de flores.

De vapores cingida a fronte,
 No horisonte
 Collinas voam aos céus,
 Escravas que o louco amor
 Do senhor
 Esconde em ligeiros véos.

E' esta terra tão bella,
 E revéla
 D'Allah tão puro sorriso,
 Que se o Propheta a pisára
 E gozára
 Fôra aqui o paraizo.

Vem os anjos descantando,
 Revoando,
 Pairar ligeiros aqui,
 E em cada cicio dos ramos
 Escutamos
 O suspirar d'uma houri.

Gózo arômas, fresca aragem,
 E a folhagem,
 Luzes, per'las, alcatifas,
 E sonhos d'enlouquecer
 E um viver
 Mais doce que o dos Khalifas.

D'Alhambra nos salões d'ouro
 Bebe o mouro
 Veneno em taça dourada:
 E eu nesta terra d'amor,
 Sou senhor
 Mais que os senhores de Granada.

Que mais falta ao meu viver
 A não ser
 Teu olhar voluptuoso?
 De teus labios a frescura,
 E a doçura
 Do teu sorriso amoroso?

Como em leito nupcial,
 De cristal,
 Rico de per'las, e d'ouro,
 Porque não vens tu sorrir-me,
 E abrir-me
 D'amor teu rico thesouro?

Zeila, és a filha dilecta
 Do Propheta,
 És a estrella radiante,
 Que no livro azul do céu,
 Escreveo
 A minha sina brilhante.

Quem entre as virgens que encerra
 Toda a terra
 Te não vira a mais formosa?
 Como entre as singellas côres
 D'agras flores
 Surge bella a branca rosa?

Teu rosto ameno seduz
 E reluz
 De phantastico esplendor
 Teus negros olhos fulguram
 E auguram
 Languidas fallas d'amor.

Nasce o teu sorriso brando,
 Exhalando
 Nuvens de aromas fragrantas,
 Que nem as auras que passam
 E esvoação
 D'Yémen nos jardins brilhantes.

Quando a voz soltas saudosa
 Maviosa
 Temem aves de cantar
 C'os zephiros de carpir
 E fugir,
 E as folhas de sussurrar.

Vem ser minha unicamente
 Que sómente
 A ave, o céu, a brisa, a flor,
 Vejam correr nossa vida
 Esquecida
 Em mil delirios d'amor.

Quero em teu seio nevado
Reclinado
Mel de teus labios beber,
E mil sonhos de encantar
Disfructar,
E depois... depois morrer.

L. C.

NOTICIAS.

FUNDOS PUBLICOS.

Em 1 de Novembro.

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 28 de Outubro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa.....	1\$940	1\$920
Tres operações.....	48	22
Inscrições de 5 por cento.....	47	48
Ditas de 4 por cento.....	31	33
Papel-moeda.....	10	13 m. forte
Titulos antigos (azues).....	6	8
Escriptos para as alfandegas.....	88	90
Na 6.ª parte	84	85
Acções do Banco de Portugal.....	455\$000	460\$000
Ditas das Lezírias.....	360\$000	370\$000
Ditas — Seguro Firmeza.....	380\$000	370\$000
Ditas — Fidelidade.....	20 a 22 por cento pr.	
Ditas — Omnibus.....	70\$000	75\$000
Ditas — Pescarias.....	27\$000	28\$000
Ditas — Vapores do Têjo.....	19\$200	21\$000
Ditas — União Commercial.....	56\$000	58\$000
Ditas — Fiação e Tecidos.....	70\$000	72\$000
Ditas — Valla d'Azambuja.....	100 por acção.	
Obras Publicas.....	2 1/2	3 por cento
Confiança Nacional.....	385\$000	389\$000

ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 13 a 19 de Outubro de 1848.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq.ª	moios	alq.ª	moios	alq.ª	moios	alq.ª
Entrada.....	585	27	80	27	42	8	—	3
Despacho.....	480	22	63	43	50	59	—	3
Existencia.....	7948	56	2583	27	671	54	120	51
Preços.....	400 a 540	220 a 240	340 a 360	280 a 320				

CEREAES.

Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de.....	320 a 440
Molle, a bordo.....	380 a 460
Das Ilhas, a bordo.....	330 a 370
Cevada do reino, a bordo.....	180 a 190
Das Ilhas, a bordo.....	173 a 180
Milho do reino, a bordo.....	290 a 295
Das Ilhas, a bordo.....	—
Centeio, a bordo.....	180 a 210

FUNDOS EM LONDRES.

Em 14 de Outubro.

INGLEZES.

Consolidados de 3 por cento.....	81 1/2 oit.
Consolidados.....	81 1/2 oit.
Reduzidos de 3 por cento.....	83

ESTRANGEIROS.

Portuguezes de 3 por cento.....	—	—
» 4 por cento B.....	23	24
Hespanhoes de 5 por cento.....	11 1/2	—
» 3 por cento.....	22	23
Brazileiros de 5 por cento 1824.....	72	73
» dito 1829 1839.....	—	—

AVISO.

Participa-se a todos os Srs. Assignantes das provincias, que os Agentes a quem se devem dirigir, e entregar qualquer quantia pertencente ao jornal são os seguintes:

S. Lourenço do Bairro Mialhada, correspondente em Aveiro, José Simões de Paiva. — Midões, em Vizeu, Antonio da Silva. — Mialhada, Condeixa, Tentugal, em Coimbra, José Joice. — Alemquer, em Villa Franca de Xira, D. Maria Jacintha Salgado. — S. Miguel, Philippe Maria Bessone. — Fundão, Guarda, Mangualde, na Covilhã, Antonio Joaquim da Silva Junior. — Castro Verde, Campo Maior, em Portalegre, José Anastacio Dias Grande. — Angra, Terceira, Frederico Ferreira Campos. — Villa Nova de Milfontes, Odemira, Campo de Ourique, em Sines, Joaquim Pires de Mattos. — Quiaios, Alhadaz, Maiorca, Cadima, na Figueira, Ignacio Fernandes Coelho. — Soure, Pombal, Mariaha Grande, em Leiria, Miguel Joaquim Leitão. — Penha Garcia, Idanha Nova, Pena Macôr, Sigura, Rosmaninhal, Sarzedas, Alpedrinha, em Castello Branco, Francisco José Mourão. — Ovar, Oliveira de Azemeis, na Feira, Bernardo José Corrêa de Sá. — Ponte de Lima, Vianna do Castello, Vianna do Minho, em Vianna, Luiz Manuel Monteiro. — Freixas, em Mirandella, José Bernardo Pinto Saraiva. — Povo do Lanhoso, em Braga, João Antonio d'Oliveira Braga. — Portel, Serpa, Villa de Frades, em Beja, José Ricca. — Peniche, em Attouguia da Balea, Francisco Manuel Velloso da Horta. — Fayal, Manuel Alves Guerra. — Olhão, Loulé, em Faro, José Bento Dias Ferreira. — Monte Alegre, em Chaves, João de Sousa Pinto de Barros. — Funchal, Madeira, Goulde Roupe & C.ª — Villa Nova de Portimão, Alcantarilha, em Lagos, Januario José Simões. — Esposende, em Barcellos, Francisco Jesé Pereira Braga. — Alpalhão, em Extremoz, Joaquim Felizardo da Cunha Ozorio.